

CAPÍTULO XXIV

A Coordenação do Sistema

O modelo de subdesenvolvimento industrializado, especialmente em seu setor moderno, que por seu caráter estratégico concentra nossa atenção, é uma economia de grandes empresas oligopolistas, geralmente organizadas sob diversas formas de cartel, e de grandes empresas públicas monopolistas, que fazem parte de um Estado econômica e politicamente poderoso. Está, assim, muito longe do capitalismo competitivo clássico inglês do século passado, no qual um grande número de pequenas e médias empresas produziam produtos relativamente homogêneos, sob a égide de um Estado liberal que se limitava a seu papel de polícia.

No capitalismo competitivo a coordenação da economia através do mercado e do mecanismo de preços era viável. Não se poderia dizer que fosse especialmente eficiente, já que se caracterizava por movimentos cíclicos extremamente acentuados, que implicavam em grande desperdício de trabalho e de instrumentos de produção. É fácil verificar a relativa ineficiência desse sistema quando examinamos as taxas médias de crescimento do produto e do produto por habitante nos países centrais, antes de 1914 — data que poderia servir de marco da crise do sistema. Essas taxas são menores do que a metade das alcançadas por esses países, já nos quadros do capitalismo monopolista de Estado, após a Segunda Guerra Mundial.

O sistema possuía, portanto, graves limitações econômicas, mas funcionava. E se comparado não com o futuro mas com o passado, com as formas anteriores de coordenação do sistema econômico, podia ser

considerado altamente eficiente. Na verdade, o sistema de mercado do século XIX não só era viável e razoavelmente bem sucedido, mas também era a forma de coordenar a economia mais eficiente que se conhecia. A rigor, era a única alternativa possível, já que qualquer sistema de planejamento seria na época inviável, não apenas em função da fraqueza do Estado (que poderia ser remediada), mas principalmente em função da inexistência de um sistema de informações adequado, de uma teoria macroeconômica que permitisse o controle da economia a curto prazo e de modelos e técnicas de planejamento a longo prazo.

No capitalismo tecnoburocrático dependente, dadas as grandes empresas oligopolistas e o grande Estado, a coordenação da economia exclusivamente pelo mercado não é viável. A concorrência e o mecanismo de preços não funcionam adequadamente quando os agentes econômicos se recusam a concorrer. Por outro lado, os Estados nacionais não são economias fechadas. Estão situados dentro de uma economia internacional também oligopolizada e estatizada — oligopolizada pelas grandes empresas multinacionais, estatizada pela formação de Estados reguladores extremamente poderosos nos países capitalistas avançados e pelo estabelecimento de Estados tecnoburocráticos também crescentemente poderosos nos países chamados socialistas, nos quais de fato domina o modo de produção tecnoburocrático ou estatal. Ora, de uma economia internacional controlada nesses termos, os países periféricos do subdesenvolvimento industrializado, assim como os demais países periféricos, não têm a mínima condição de participar baseando-se simplesmente nas leis de mercado.

O controle pelo mercado e pelo mecanismo de preços é assim duplamente limitado como mecanismo fundamental de coordenação econômica no subdesenvolvimento industrializado. É limitado no plano interno e é inviável no plano externo. Claro que cabe aos mecanismos de mercado um papel ainda importante no processo de coordenação. Não apenas no setor tradicional mas também no setor moderno. Mas não é mais o único, e cada dia deixa de ser o principal mecanismo de controle e coordenação da economia. O planejamento e a política econômica, que contêm também inúmeras limitações, tornaram-se agora viáveis. Os Estados dispõem das informações necessárias para o controle administrativo da economia de forma cada vez mais completa e precisa. As teorias macroeconômicas e os modelos de planejamento, embora sempre insuficientes face ao processo de contínua mutação por que passam os sistemas econômicos, estão agora muito mais desenvolvidos. E além disso, já existe hoje toda uma experiência de planejamento e de política econômica nos países do subdesenvolvimento industrializado. Da mesma forma,

portanto, que a formação social é mista, capitalista e tecnoburocrática, o sistema de coordenação econômica também deve ser misto: baseado no mercado e no planejamento.

O Equilíbrio Macroeconômico

Entretanto, seja através do mercado, seja através do planejamento, a coordenação de um sistema econômico implica em manter “em equilíbrio” uma série de variáveis macroeconômicas. Nos capítulos precedentes estivemos preocupados em examinar as principais variáveis a ser controladas.

O equilíbrio fundamental a ser mantido em qualquer economia é o da demanda e da oferta agregadas:

$$Y_D = Y_F$$

Para que a economia se mantenha em pleno emprego e em plena capacidade, de forma que, aproveitando todos os seus recursos, cresça de forma sustentada e rápida, é necessário que a oferta de empregos, L_F , seja igual à demanda, L_D , e que a oferta de capital potencial ou poupança, I_F ou S , seja igual à demanda de capital, I_D :

$$L_D = L_F$$

e

$$I_D = I_F$$

Ora, sendo a demanda agregada, em uma economia que para efeito de simplificação podemos tratar como sendo fechada e sem Estado, constituída do consumo, C , e dos investimentos,

$$Y_D = C_D + I_D,$$

e sendo a poupança definida como a renda menos o consumo,

$$S = Y_D - C_D,$$

a análise keynesiana mais elementar nos ensina que o consumo é uma variável fundamental não só para o equilíbrio geral entre a demanda e a oferta agregadas, mas também para o equilíbrio mais específico entre a oferta e a demanda de capital.

Por outro lado, se imaginarmos que o consumo tende a variar não apenas em função da renda, como pretendia Keynes, mas também e principalmente em função dos salários, como pretende a análise marxista, uma tendência contínua à concentração de renda, como ocorre no modelo de subdesenvolvimento industrializado, deveria levar rapidamente a um desequilíbrio entre a oferta e a demanda agregadas. Isto seria verdade em um modelo capitalista simples, em que tivéssemos apenas capitalistas e trabalhadores. A redução da participação dos salários na renda reduziria correspondentemente a propensão média a consumir do sistema, e o aumento dos investimentos para compensar a redução relativa no consumo e manter o nível da demanda agregada não poderia ir muito longe, na medida em que os investimentos são produtivos e aumentam não apenas a demanda mas, em um segundo momento, também a oferta. A política fiscal keynesiana de investimentos públicos, nesse quadro, seria um mero paliativo, sem condições de resolver a longo prazo o problema.

Em nossa análise do modelo de subdesenvolvimento industrializado procuramos demonstrar como este problema foi superado, compatibilizando-se concentração de renda com demanda agregada sustentada. Verificamos a existência de uma nova classe, a tecnoburocrática, que se apropria do excedente através de ordenados e que tem uma alta propensão marginal a consumir. À medida que a concentração de renda também a beneficie, poderemos manter a economia em equilíbrio, já que o consumo é função não apenas dos salários mas também dos ordenados:

$$C = f(W + O)$$

Neste modelo a participação do consumo na renda ou propensão média a consumir mantém-se estável ou ligeiramente declinante porque a queda na participação dos salários é compensada pelo aumento da participação dos ordenados:

$$\frac{\vec{C}}{Y} = f\left(\frac{W}{Y} + \frac{O}{Y}\right)$$

Mantendo-se a taxa de acumulação, $\frac{I}{Y}$, também estável ou ligeiramente ascendente teremos uma demanda agregada sustentada, apesar do aumento da taxa de exploração, $\frac{O + R}{W}$.

Vimos também que em nosso modelo, em que não temos um único bem homogêneo, como no modelo keynesiano, mas três tipos de bens,

nos termos do modelo de Kalecki, são necessárias outras condições adicionais para o equilíbrio entre a procura e a oferta agregadas. O investimento deve ser não apenas igual à poupança planejada, mas também deve ser igual à produção de bens de capital, J:

$$I_D = S = J$$

Por outro lado, o consumo, C_D , deve naturalmente ser igual à produção de bens de consumo dos trabalhadores, B, e à produção de bens de consumo de luxo, V:

$$C_D = B + V$$

Essas produções, por sua vez, dados os pressupostos simplificadores que adotamos, devem estar em equilíbrio com as rendas das classes sociais. Desprezado o consumo de bens simples pelos tecnoburocratas e capitalistas, a coordenação econômica do sistema exige que a produção de bens de consumo dos trabalhadores seja igual aos salários,

$$W = B,$$

e que a produção de bens de consumo de luxo e de bens de capital, ou seja, o excedente, seja igual aos lucros e aos ordenados somados:

$$O + R = V + J$$

Este sistema de "equilíbrios" deve e pode ser compatível com uma taxa de lucros elevada mas constante, com uma taxa de ordenados ou ordenado médio crescente e com uma taxa de salários ou salário médio constante.

Temos ainda algumas outras variáveis que devem estar em equilíbrio para que a economia possa desenvolver-se naturalmente. Os dois principais equilíbrios que não foram ainda examinados são o dos preços e o do balanço de pagamentos. Veremos estes dois problemas nos dois próximos capítulos.

Deve ficar bem claro, entretanto, que todos esses equilíbrios, que são necessários a qualquer economia, não estão de forma alguma assegurados. Nem o sistema de mercado nem o planejamento garantem esse equilíbrio. Todo o esforço do Estado na área econômica orienta-se no sentido de coordenar o sistema econômico e alcançar esses equilíbrios.

Para isto usa de uma grande variedade de instrumentos de política e planejamento econômico: a política monetária, a política tributária, a política de gastos públicos, a política salarial. Mas nada é mais enganador do que acreditar que esse equilíbrio geral seja facilmente alcançável através da racionalidade tecnoburocrática. Trata-se de uma ideologia pelo menos tão enganadora quanto aquela que imaginava que esse equilíbrio se alcançava automaticamente através do mercado.